

## ÍNDICE GERAL

- 1 - Orar quer dizer conhecer o Pai - 27 de julho de 1980
- 2 - Oração monástica - 23 de maio de 1980
- 3 - O valor da oração - 12 de junho de 1983
- 4 - O valor da oração familiar - 5 de fevereiro de 1994
- 5 - A oração e o caminho do Verbo que tudo abraça - 14 de março de 1979
- 6 - Rezar de modo consciente o Pai nosso é comprometer-se com o Evangelho - 23 de setembro de 1992.
- 7 - Por que não devemos orar? 14 de março de 1979.
- 8 - A necessidade da oração - 9 de setembro de 1992.
- 9 - A oração cristã está radicada no AT 20 de setembro de 1992.
- 10 - Oração unida ao sacrifício constitui força poderosa - 15 de janeiro de 1994.
- 11 - A força poderosa da oração - 23 de janeiro de 1994
- 12 - O Pai nosso explicado pelo Papa na Noruega - 2 de julho de 1989.
- 13 - Oração em particular e em comum; vocal e mental - 4 de janeiro de 1995
- 14 - A oração humana participa de algum modo do mesmo poder de intercessão que é próprio do Filho - 7 de setembro de 1996.
- 15 - Senhor, ensina-nos a orar!, 27 de julho de 1980.
- 16 - Oração a N. Sr<sup>a</sup> do Guadalupe (México) - janeiro de 1979
- 17 - Considerações do Pe. Manuel Bernardes sobre o Pai nosso
- 18 - Pe. Charles de Foucauld e a oração - pensamentos
- 19 - A oração é um tema infinito (congresso sobre oração) - 24 de novembro de 1984.
- 20 - Regra de São Bento - Capítulo 20 - "Da reverência na oração".
- 21 - Trecho do livro "O diadema do monge", sobre a oração, escrito por SMARAGDUS (Abade de Saint Michel, Séc. IX).
- 22 - Exorto-vos a perseverar na oração - 25 de outubro de 1997
- 23 - Maria, mestra da oração, 12 de novembro de 1994.
- 24 - Oração: seu sopro vital é o Espírito Santo ! (Encíclica "Dominum et vivificantem")
- 25 - Recomendação de São Paulo (1Timóteo, 2, 1-4.8)



### 1 - ORAR QUER DIZER CONHECER O PAI

Na Santa Missa, em Castel Gandolfo, em 27 de julho de 1980, publicado no jornal L'Osservatore Romano, edição semanal em português n. 31 (557), pág. 7 (475).

"Senhor, ensina-nos a orar": estas palavras dirigidas diretamente a Cristo, que nos são recordadas hoje na leitura do Evangelho, não pertencem só ao passado. São as palavras repetidas continuamente pelo homem. É problema sempre atual: o problema da oração.

Que significa orar? Como se há-de orar? Por isso, a resposta que deu Cristo é sempre atual. E como respondeu Cristo? Em certo sentido, ensinou, aos que pediam, as palavras que deviam pronunciar quando oravam, quando se dirigiam ao Pai. Estas palavras encontram-se nas duas versões evangélicas: o texto do Evangelho de hoje difere ligeiramente daquele a que estamos habituados na nossa oração quotidiana: de fato, nós recordamos o Pai Nosso segundo a versão de São Mateus.

Cristo ensinou portanto as palavras da oração: as palavras mais perfeitas, as palavras mais completas: nelas tudo está encerrado.

Todavia, a resposta de Cristo não se limita exclusivamente ao texto, às palavras que devemos pronunciar quando oramos. Trata-se de um problema muito mais urgente e, poder-se-ia dizer, também muito mais complexo.

Que quer dizer orar? Orar que dizer sentir a própria insuficiência, sentir a própria insuficiência através das variadas necessidades que se apresentam ao homem, as necessidades que fazem parte constantemente da sua vida. Como, por exemplo, a necessidade do pão a que se refere Cristo dando como exemplo aquele homem que vai despertar o amigo à meia-noite para pedir-lhe pão. Semelhantes necessidades são numerosas. A necessidade do pão é, em certo sentido, o símbolo de todas as necessidades materiais, das necessidades do corpo humano, das necessidades desta existência que nasce de o homem ser corpo. Todavia a escala destas necessidades é muito mais vasta.

Às respostas de Cristo, na liturgia hodierna, pertence também este maravilhoso acontecimento do Gênesis, de que a personagem principal é Abraão. E o principal problema é o de Sodoma e Gomorra: ou, por outras palavras, o do bem e do mal, do pecado e da culpa, isto é: o problema da justiça e da misericórdia. Esplêndido é este colóquio entre Abraão e Deus, e demonstra que orar quer dizer mover-se continuamente na órbita da justiça e da misericórdia, é introduzir-se entre uma e outra em Deus mesmo.

Orar portanto quer dizer estar consciente, estar consciente, até ao fundo, de todas as necessidades do homem, de toda a verdade sobre o homem, e, em nome desta verdade cujo sujeito direto sou eu mesmo, e não só eu mas também o meu próximo, todos os homens, a humanidade inteira: e em nome desta verdade dirigir-se a Deus como a Pai.

Então, segundo a resposta de Cristo ao Pedido "ensina-nos a orar" tudo se reduz a este único conceito: aprender a orar quer dizer "aprender o Pai". Se nós aprendemos, no sentido pleno da palavra, na sua plena dimensão, a realidade "Pai", temos tudo aprendido. Aprender o Pai quer dizer encontrar a resposta à pergunta sobre como orar; porque orar quer dizer também encontrar a resposta a uma série de perguntas ligadas, por exemplo, ao fato de eu pedir e nalguns casos não ser ouvido.

Cristo dá resposta indireta a estas perguntas ainda no Evangelho de hoje. Dá-as em todo o Evangelho e em toda a experiência Cristã. Aprender quem é o Pai quer dizer aprender o que é a confiança absoluta. Aprender o Pai quer dizer adquirir a certeza de que Ele de maneira nenhuma poderá recusar seja o que for. Tudo isto é dito no Evangelho de hoje. Ele não te recusa nem sequer quando tudo, material e psicologicamente, parece indicar recusa. Ele não te dá recusas, nunca.

Portanto, aprender a a orar que dizer "aprender o Pai" deste modo: aprender a estar seguro que o Pai não te recusa nunca coisa nenhuma, mas que pelo contrário dá o Espírito Santo àqueles que O pedem.

Os dons que nós pedimos são diversos, são as nossas necessidades. Pedimos segundo as nossas exigências e não pode ser diversamente. Cristo confirma esta nossa atitude: sim, é assim: deveis pedir segundo as vossas exigências, assim como as sentis. Como estas necessidades vos agitam, muitas vezes dolorosamente, assim deveis orar. Quando, pelo contrário, se trata da resposta a todos os vossos pedidos ela é sempre dada através de um dom substancial: o Pai dá-nos o Espírito Santo. E dá-O em consideração do Seu Filho. Por isto deu o Seu Filho, deu o Seu Filhos pelos pecados do mundo, deu o seu Filho indo ao encontro de todas as necessidades do mundo, a todas as necessidades do homem, para poder sempre, neste Filho crucificado e ressuscitado, dar o Espírito Santo. Este é o Seu dom.

Aprender a orar quer dizer aprender o Pai e aprender uma confiança absoluta para com Aquele que nos oferece sempre este dom maior, oferecendo-o não nos engana nunca. E se às vezes, ou mesmo freqüentemente, não recebemos diretamente aquilo que pedimos, neste dom tão grande - quando nos é oferecido - estão encerrados todos os outros dons: apesar de sem nos darmos conta.

O exemplo, que ontem me perturbou, foi o de um homem que encontrei num hospital. Estava gravemente doente em consequência das lesões recebidas durante a Insurreição de Varsóvia. Naquele hospital falou-me de uma extraordinária felicidade.

Este homem chegou à felicidade por qualquer outra caminho, porque visivelmente, julgando o seu estado físico do ponto de vista médico, não havia motivos para estar assim feliz, para sentir-se tão bem e considerar-se ouvido por Deus. Mas foi ouvido noutra dimensão da sua humanidade. Recordou o dom em que se lhe deparou a felicidade, apesar de ser tão infeliz.

A hodierna liturgia, que celebramos nestes jardins vaticanos de Castel Gandolfo, oferece ocasião talvez particular para nos unirmos em espírito com todos os presentes e com todos os que estão presentes por meio de vós.

Se é verdade que através do mundo passa a revolução, aquela que decantastes no princípio do nosso encontro, então, esta revolução é a mais necessária para o homem. O homem iludido por tantos programas, por tantas ideologias ligadas à dimensão humana do corpo, à temporalidade e à ordem da matéria, submete-se à ação do espírito e descobre em si o desejo do que é espiritual. Creio que hoje verdadeiramente tal revolução passa pelo mundo. Muitas são as comunidades que oram, oram como talvez nunca antes, de modo diverso, mais completo e mais rico, com mais vasta abertura àquele dom que nos dá o Pai: e também com nova e humana expressão dessa abertura. Diria: como novo programa cultural da oração nova. Semelhantes comunidades são numerosas. Desejo unir-me com elas onde quer que se encontrem: na terra da Polônia e em toda a terra.

Esta grande revolução da oração é o fruto do dom, e é também o testemunho das imensas necessidades do homem moderno e das ameaças que impendem sobre ele e sobre o mundo contemporâneo. Penso que a oração de Abraão com o seu conteúdo é muito atual nos tempos em que vivemos. É tão necessária uma oração assim para tratar com Deus sobre cada homem justo e para resgatar o mundo da injustiça. É indispensável uma oração que se intrometa quase no coração de Deus entre o que Nele é a justiça e nele é a misericórdia.

É necessária tal oração; a grande súplica para os homens e para as comunidades, para os povos e para a humanidade inteira. A oração de Abraão.

Assim a resposta de Cristo ao pedido "ensina-nos a orar" é sempre atual; devemos decifrá-la também no seu conteúdo original como está registradas no Evangelho; e devemos decifrá-la também segundo os sinais do tempo em que vivemos.

O fruto de tal audição da resposta de Cristo, de tal leitura, será exatamente a oração, qualquer oração que rezamos, qualquer oração que celebramos, também esta que rezamos e celebramos agora: a oração maior que todas as orações, na qual Cristo em pessoa ora conosco e através de nós; na qual o Seu Espírito ora com "gemidos inefáveis" (Rom. 8,26), conosco e através de nós que estamos a celebrar a Eucaristia. Amen.



## 2 - A ORAÇÃO MONÁSTICA

A um grupo de Abadessas, em 23 de maio de 1980, publicado no jornal L'Osservatore Romano, edição semanal em português n. 22 (548), de 1 de Junho de 1980, pág. 17 (309).

Qual é o valor da oração monástica no nosso tempo? Sem dúvida há tantos, e vós conhecei-los. Alguns desses valores são eminentemente atuais e característicos.

A oração monástica tem hoje em primeiro lugar um "valor apologético", ou, como também se costuma dizer: "profético". Hoje, o que mais impressiona no mundo moderno, é a crise da fé. Pois bem, a oração monástica, com a quis São Bento e como a seguir vem sendo praticada pelas diversas espiritualidades, é como um sinal luminoso na noite, um oásis no deserto das desilusões e das insatisfações, um barco estável e seguro entre as ondas tempestuosas dos sentimentos e das paixões. Com a sua oração, que nasce de uma fé longamente amadurecida e profundamente vivida, o monge e a religiosa de vida contemplativa, na aura serena da "*lectio*" e da "*meditatio*" da Sagrada Escritura, parecem dizer ao mundo inteiro, com modéstia mas com firmeza: "Sei que Deus existe e é Pai onipotente e providente, e creio firmemente n'Ele - Sei que Deus se manifestou em Cristo, o verbo Encarnado, e com ternura O amo - Sei que Cristo está presente na sua Igreja, e filialmente a sigo".

A propósito disto, é-me grato recordar um trecho da Mensagem dos bispos Italianos para o XV Centenário do nascimento de São Bento: "O nosso tempo tem necessidade de redescobrir a força de Deus que fala, agita, provoca, se revela, se comunica, chama e atrai à comunhão com Ele. No passado tudo parecia levar a Deus; hoje parece que nada e ninguém ajuda a pensar n'Ele. A respeito de Deus há quase um tática trama de silêncio. Mas não é assim: todos os dias cada um de nós, e todos nós juntos, podemos redescobrir o fascínio da Sua presença e a necessidade que temos d'Ele para respirar e para viver. Talvez hoje as "teologias" os "discursos sobre Deus", por mais importantes que possam ser, não sejam mais suficientes. Exigem-se existências que gritem silenciosamente o primado de Deus. São necessários homens que tratem o Senhor como Senhor, que se dediquem à sua adoração e se aprofundem no seu mistério, sob o sinal da gratuidade e sem compensação humana, para testemunhar que Ele é o Absoluto" (Oss. Rom., 18 de março de 1980).

3. A oração monástica tem também um valor grandemente propiciatório e impetratório.

São Bento, meditando assiduamente a Sagrada Escritura, sabia bem que Deus é infinitamente bom e misericordioso, mas é também infinitamente justo, e conhecendo a situação de decadência moral do seu tempo, quis precisamente abrir o seu Mosteiro de modo especial para a salvação eterna de tantas pessoas.

O que atemorizava o Santo naquela época rude e violenta, deve atemorizar-nos infelizmente mais ainda nesta época, orgulhosa e requintada. Hoje muitos arriscam terrivelmente a sua eternidade. Sabemos, de fato, como diz o Autor da Carta aos Hebreus, que "está determinado que os homens morram uma só vez e logo em seguida vem o juízo" (Heb. 9, 27). Mas o amor de Deus é imenso e a oração monástica pode salvar tantas almas pela forma da "graça": "Parce, Domine, parce populo tuo!".

Estando prestes a dirigir-se em peregrinação ao Santuário de Lisieux, recordo o que escrevia Santa Teresa do Menino Jesus, ainda hoje Mestre sábia e amiga intrépida no caminho da nossa vida: "Um domingo, contemplando a imagem de Nosso Senhor na Cruz, fui atingida pelo sangue que vertia de uma das suas mãos divinas: tive grande dor ao pensar que aquele sangue cairia por terra sem que ninguém se preocupasse de o recolher, e resolvi permanecer em

espírito aos pés da Cruz para receber as divinas gotas que dela desciam e que - sabia - eu deveria depois derramar sobre as almas ..." (História de uma alma, Man. A. Cap. V). A oração monástica deve ser assim: uma oração aos pés da Cruz pela salvação do mundo.



### 3 - O VALOR DA ORAÇÃO

Alocução do "Angelus", 12 de junho de 1983, publicado no jornal L'Osservatore Romano, edição semanal em português n.25 (707), pág. 1 (297).

1. Em muitos ambientes, e de modo especial em movimentos da juventude, constatamos hoje uma redescoberta do valor da oração. Encontra-se de novo o sentido profundamente humano e bíblico da oração: isto é, o colocar-se em contato com Deus, o abrir-se à sua Vontade para si e para os outros, o viver em pobreza radical, sem ilusões diante da infinita riqueza divina. Nestes momentos privilegiados compreende-se -- como dizia Santa Catarina de Sena -- que não temos "de nós" o nosso ser, mas o temos " d'Aquele que é".

2. A oração é uma das sublimes atividades dos Santos no Reino dos céus, a começar de Cristo, o Santo de Deus.

O Novo Testamento assegura-nos que Jesus continua a pedir e a interceder por nós junto do Pai (Jo. 14,16: 1 Jo. 2,1: Rom. 8,34). A Epístola aos Hebreus precisa que Jesus "pode salvar perfeitamente os que por Ele se aproximam de Deus, vivendo sempre para interceder em seu favor" (Heb. 7,15).

Esta atitude orante e salvífica de Cristo não exclui mas exige a oração dos fiéis e dos santos, que, em união com Ele, devem implorar para si e para os outros as graças da salvação.

Admirável disposição divina! A Oração ilumina e sustém o curso da história e o destino dos irmãos! É um sinal da solidariedade dos homens e do recíproco auxílio que podem oferecer quando se tornam disponíveis aos desígnios de Deus!

Mas que criatura é mais disponível a Deus do que Maria, sua Mãe e Serva? Quem mais do que Ela continua no céu a louvar, adorar e implorar o Senhor? Ela -- afirma o Concílio Vaticano II -- "elevada ao Céu não abandonou esta função salvadora, mas, com a sua multiforme intercessão, continua a alcançar-nos os dons da salvação eterna" (LG 62).

Sim, Maria é a grande orante. Ela estende as suas mãos num gesto de abertura a Deus e de imploração universal, maternalmente preocupada pela salvação de todos.

Recordemo-nos sempre de que no Céu Maria ora por nós, e coloquemo-nos portanto com confiança na sua poderosa intercessão, com o desejo de que se cumpra em nós a vontade de Deus.

3. À proteção e à intercessão de Maria, como também às vossas orações, confio a peregrinação, que se Deus quiser, quinta-feira próxima farei à Polônia, por ocasião do seiscentésimo aniversário da efígie de Jasna Gora.

Deus abençoe esta iniciativa pastoral e faça que ele produza copiosos frutos de bem para a Igreja e para a inteira

população da querida Nação polaca !



#### 4 - O VALOR DA ORAÇÃO FAMILIAR

**João Paulo II**, alocução mariana de domingo, 30 de janeiro de 1994, publicada no jornal *L'Osservatore Romano*, de 5 de fevereiro de 1994, nº 5 (1.261) pág. 9 (69).

1. A família está, desde sempre, no centro da atenção eclesial. De modo particular o está no decurso deste Ano a ela dedicado. Se nos perguntarmos o "porquê" de tanto interesse, não será difícil encontrá-lo no amor e no serviço que a Igreja deve ao homem. O Cristianismo é a religião da encarnação; é o anúncio jubiloso de um Deus que vem ao encontro do homem se faz homem. Por isso, desde a minha primeira Encíclica, não hesitei em afirmar que o homem é a "via da Igreja" (*Redemptoris hominis*, 4), tencionando assim evocar e quase seguir a sua via percorrida por Deus mesmo quando, mediante a Encarnação e a Redenção que se pôs no caminho da sua criatura.

Mas como se pode encontrar o homem, sem encontrar a família?

O homem é essencialmente um ser "social", com maior razão pode-se defini-lo como um ser "familiar". A família é o lugar natural da sua vinda ao mundo, é o ambiente no qual, normalmente, recebe quanto lhe é necessário para se desenvolver, é o primordial núcleo afetivo que lhe dá consistência e segurança, é a primeira escola de relações sociais.

De tudo isto a Igreja colhe a raiz última no projeto de Deus, ou melhor, no mistério mesmo da sua vida. Deus, de fato, mesmo sendo um e único, revelou-se como inefável mistério trinitário, de três Pessoas - Pai, Filho e Espírito Santo - em recíproca relação de amor. O amor dos cônjuges, como o que une todos os membros da família, pais e filhos, é um reflexo no tempo, desta comunhão eterna.

2. Podemos dizer: eis o "Evangelho da família" que a Igreja tenciona propor com renovado impulso. Eis o Ano da Família! Este ano iniciou com uma solene celebração em Nazaré, berço da Sagrada Família! Este ano que o Senhor nos oferece, quer ser testemunho e anúncio, quer ser tempo de reflexão e tempo de conversão, tempo especial de oração, oração pelas famílias, oração nas famílias e oração das famílias.

É hora de redescobrir, queridos Irmãos e Irmãs, o valor da oração, a sua força misteriosa, a sua capacidade não só de nos reconduzir a Deus, mas de nos introduzir na verdade radical do ser humano. Ela encaminha para a conversão, para a conversão à sua plena humanidade cristã, e, depois, conversão à família, à solidariedade, ao amor, próprio deste núcleo de todas as relações sociais no mundo.

Quando o homem ora, põe-se diante de Deus, de um Tu, um Tu divino, e colhe ao mesmo tempo a íntima verdade do próprio "eu": Tu divino; eu humano, ser pessoal criado à imagem de Deus.

Acontece o mesmo na oração familiar: pondo-se na luz do Senhor, a família experimenta profundamente, como sujeito comunitário, um "nós" consolidado por um eterno desígnio de amor, que nada no mundo

pode destruir.

3. E como de costume, antes do Angelus, olhemos para Maria, esposa e mãe da Família de Nazaré. Ela é ícone vivo da oração, numa família de oração. Precisamente por isto, é também imagem de serenidade e de paz, de dedicação e de fidelidade, de ternura e de esperança. E isto é, isto deve ser também cada família.

A Ti, Virgem Santa, pedimos que nos eduques para a oração. A Ti, pedimos o grande dom do amor em todas as famílias do mundo. E com esta intenção, recitamos agora juntos o *Angelus Domini*.



## 5 - A ORAÇÃO É O CAMINHO DO VERBO QUE TUDO ABRAÇA.

Audiência geral de quarta-feira, 14 de março de 1979, in *L'Ossservatore Romano*, de 18 de março de 1979, pág. 16.

(...)

Nas meditações que irão seguir-se. procuraremos entrever quão profundamente penetram estes caminhos no homem: o que para ele significam. O cristão deve compreender o verdadeiro sentido destes caminhos, se os quer seguir.

2. Primeiro, portanto, o *caminho da oração*. Digo "primeiro", porque desejo falar deste antes dos outros. Mas, ao dizer "primeiro", quero hoje acrescentar que, na obra total da nossa conversão -- isto é, da nossa maturação espiritual -- a oração não está isolada dos outros dois caminhos que a Igreja define com o termo evangélico "jejum e esmola". Talvez o caminho da oração nos seja mais familiar. Talvez compreendamos com mais facilidade que sem ela não é possível convertermo-nos a Deus, permanecermos em união com Ele naquela comunhão que nos leva à maturação espiritual. Não duvido que entre vós, que agora me ouvis, muitíssimos haja que tenham experiência própria da oração, que tenham conhecimento dos vários aspectos dela e possam torná-los conhecidos também às outras pessoas. De fato, aprendemos a orar, orando. O Senhor Jesus ensinou-nos a orar, primeiro que tudo orando Ele próprio: "... e passou a noite em oração (Lc. 4,2); outro dia, como escreve São Mateus, subiu ao monte, sozinho, para orar. E chegada a noite, ainda Ele esta só lá em cima (Mt. 14,23). Antes de sua Paixão e Morte, foi ao monte das Oliveiras e animou os Apóstolos a que orassem; Ele mesmo, ajoelhando-se, pôs-se a orar. Invadido pela angústia, orava mais intensamente (Lc. 22, 39-46). Só uma vez - rogado pelos discípulos Senhor, ensina-nos a orar (Lc, 11, 1) - lhes comunicou o mais simples e mais profundo conteúdo de oração: o "Pai nosso".

Sendo impossível resumir num breve discurso tudo o que se pode dizer ou foi escrito sobre o assunto da oração, queria eu hoje realçar uma coisa apenas. Nós todos, quando oramos, *somos discípulos de Cristo*, não porque repetimos as palavras que Ele uma vez nos ensinou - palavras sublimes, conteúdo completo da oração. Somos discípulos de Cristo, mesmo quando não usamos essas palavras. Somos seus discípulos *já só porque oramos*: "Escuta o Mestre que ora: aprende tu a orar. Para isto, de fato, orou Ele, para nos ensinar a orar", afirma Santo Agostinho ("*Enarrationes*" in Ps. 56,5). E um autor contemporâneo escreve: "Uma vez que o termo do caminho da oração se perde em Deus, e ninguém conhece o caminho senão Aquele que

vem de Deus, Jesus Cristo - é necessário (...) fixarmos os olhos n'Ele só. E o caminho, a verdade e a vida. Só Ele percorreu o caminho nas duas direções. É preciso metermos a nossa mão na sua e partirmos". (Y. RAGUIN, Chemins de la contemplation, Desclée de Brouwer, 1969, p. 179).

Orar significa falar com Deus. Atrever-me-ia a dizer mais: orar significa encontrarmo-nos naquele único Eterno Verbo, por meio de quem fala o Pai, Verbo que fala ao Pai. Este Verbo fez-se carne, para nos ser mais fácil encontrarmo-nos n'Ele, mesmo com a nossa palavra humana de oração. Pode esta palavra às vezes ser muito imperfeita, poderá até mesmo faltar-nos de todo. Mas a incapacidade das nossas palavras humanas completa-se continuamente no verbo que se fez carne para falar ao Pai com a plenitude daquela união mística que forma com Ele cada homem que ora; que todos quantos oram, formam com Ele. Nesta particular União com o verbo está a grandeza da oração, sua dignidade, e de certo modo, a sua definição.

É preciso sobretudo compreender bem a grandeza fundamental e a dignidade da oração. Oração de cada homem. E ainda de toda a Igreja orante. A Igreja, em certo modo, chega tão longe como a oração: até onde haja um homem que ore.

3. É preciso orarmos baseando-nos neste conceito essencial da oração. quando os discípulos pediram ao Senhor Jesus "ensina-nos a orar" , Ele respondeu pronunciando as palavras da oração *Pai nosso*, criando assim um modelo concreto e ao mesmo tempo universal. E de fato, tudo quando se pode e deve dizer ao Pai, está incluído naqueles sete pedidos, que todos sabemos de cor. Há neles tal simplicidade, que até uma criança os aprende, e simultaneamente tal profundidade, que se pode consumir uma vida inteira a meditar o sentido de cada um. Não é porventura assim? Não nos fala cada um deles, um após outro, do que é essencial para a nossa existência, voltada completamente para Deus, para o Pai? Não nos fala do "pão de cada dia", do "perdão das nossas ofensas assim como nós as perdoamos", e juntamente de "não cairmos em tentação" e de "ficarmos livres do mal"?

*Quando Cristo, satisfazendo o pedido dos discípulos "ensina-nos a orar", pronuncia as palavras de sua oração, ensina não só as palavras, mas ensina também que no nosso colóquio com o Pai deve haver sinceridade total e plena abertura. A oração deve abraçar tudo o que faz parte da nossa vida. Não pode ser alguma coisa de suplementar ou marginal. Tudo deve encontrar nela a própria voz. Mesmo tudo o que nos pesa: aquilo que por sua natureza nos pesa: aquilo de que nos envergonhamos; aquilo que por sua natureza nos separa de Deus. Exatamente, sobretudo isto. É a oração que sempre, em primeiro lugar e essencialmente, abate a barreira entre nós e Deus, barreira que o pecado e o mal podem ter levantado.*

Por meio da oração, toda a gente tem de encontrar a sua referência justa: quer dizer, a referência a Deus: o meu mundo interior e também o mundo objetivo, aquele em que vivemos e tal como o conhecemos. Se nos voltamos para Deus, tudo em nós se dirige para Ele. A Oração é exatamente a expressão de nos dirigirmos para Deus: isto é, ao mesmo tempo, a nossa contínua conversão; o nosso caminho.

Diz a Sagrada Escritura:

*Assim como a chuva e a neve / descem do céu e já não voltam lá/ sem terem regado / e fecundado a terra / e sem a terem feito germinar / dando o grão ao semeador / e o pão para comer; / o mesmo sucede com a palavra / que sai da minha boca: / não volta a mim sem produzir o seu efeito / sem executar a minha vontade / e ter cumprido a missão que lhe dei.*

A oração é o caminho do Verbo que tudo abraça. Caminho do Verbo eterno que atravessa a profundidade de tantos corações; que reconduz ao Pai tudo quanto n'Ele tem a sua origem.

A oração é o sacrifício dos nossos lábios (Hebr. 13, 13).  
"É, como escreve Santo Inácio de Antioquia, "água viva que murmura dentro de nós e diz: vem para o Pai". (SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA. carta aos Romanos, VIII, 2).

Com a minha Bênção Apostólica.



## 6 - REZAR DE MODO CONSCIENTE O "PAI NOSSO" É "COMPROMETER-SE" COM O EVANGELHO

João Paulo II, alocução da audiência geral de quarta-feira, 23 de setembro de 1992, publicada no L'Osservatore Romano, edição semanal em português n° 39 (1091), em 27 de setembro de 1992, pág. 12 (480).

1. Com a encarnação do Verbo de Deus, a história da oração conhece uma viragem decisiva. Em Jesus Cristo o céu e a terra se tocam. Deus reconcilia-Se com a humanidade, é estabelecido em plenitude o diálogo entre a criatura e o seu Criador.

Jesus é a proposta definitiva do amor do Pai e, ao mesmo tempo, a resposta plena e irrevogável do homem às expectativas divinas. Por isso é ele, Verbo encarnado, o único Mediador que apresenta a Deus Pai toda a oração sincera, que se eleva do coração humano.

O pedido, que os primeiros discípulos dirigiram a Jesus, torna-se portanto também o nosso pedido: "Senhor, ensina-nos a orar!" (Lc. 11.1).

2. Como a eles, assim também a nós Jesus "ensina". Fá-lo, antes de tudo, com o exemplo. Como não recordar a comovente oração com que Ele se dirige ao Pai, já no primeiro momento da encarnação? "Ao entrar no mundo, Cristo diz: Não quiseste sacrifício nem oblação, mas preparastes-Me um corpo ... Então Eu disse: eis que venho - como está escrito de Mim no livro - para fazer, ó Deus, a tua vontade". (Heb. 10, 5-7).

Sucessivamente, não há momento importante da vida de Jesus que não esteja acompanhado da oração. No início da sua missão pública, o Espírito Santo desce sobre Ele, no momento em que "depois de ter sido batizado, Jesus se encontrava em oração" (Lc. 3, 21 s.). Através do Evangelista Marcos sabemos que, no momento de iniciar a pregação na Galiléia, Jesus "de manhã, muito cedo, Se levantou e saiu, Se retirou para um lugar solitário e ali se pôs em oração" (1, 35). Antes da eleição dos apóstolos, "Jesus foi para o monte a fim de fazer oração, e passou a noite a orar" (Lc. 6,12). Antes da promessa do primado a Pedro, Jesus, segundo a narração de Lucas, "estava a orar a sós com os discípulos" (9,18). Também no momento da transfiguração, quando no monte a sua glória se irradiou antes de as trevas se acumularem sobre o Calvário, Jesus orava (cf. Lc. 9,28-29).

Particularmente reveladora é a oração em que, durante a última Ceia, Jesus manifesta efusivamente ao Pai os seus sentimentos de amor, de louvor, de súplica, de confiante abandono (cf. Jo. 17). São os mesmos sentimentos que de novo emergem no horto do Getsemani (cf.

Mt. 26, 39-42) e na cruz (cf. Lc. 23,46). do alto da qual Ele nos oferece o exemplo daquela última e comovedora invocação: "Perdoai-lhes, ó Pai, porque não sabem o que fazem" (Lc. 23,34).

3. A orar Jesus ensina-nos também com a sua palavra. Para ressaltar a "necessidade de orar sempre, sem desfalecer", Ele narra a parábola do juiz iníquo e da viúva (cf. Lc. 18, 1-5). Recomenda depois: "Vigiai e orai para não cairdes em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é fraca" (Mt. 26,41). E insiste: "Pedi e dar-se-vos-á; procurai e encontrareis; batei e abrir-se-vos-á. Pois, quem pede recebe; e quem procura encontra; e ao que bate abrir-se-á" (Mt. 7, 708).

Aos discípulos, desejosos de uma orientação concreta, Jesus ensina depois a fórmula sublime do Pai nosso (Mt.6, 9-13; Lc. 11, 2-4), que se tornará nos séculos a oração típica da comunidade cristã. Tertuliano a qualifica como "breviarium totius evangelii", "um compêndio de todo o Evangelho" (De oratione, 1). Nela Jesus transmite a essência da sua mensagem. Quem reza de modo consciente o Pai nosso, "compromete-se" com o Evangelho; não pode, de fato, deixar de aceitar as conseqüências que, para a própria vida, derivam da mensagem evangélica, da qual a "oração do Senhor" é a expressão mais autêntica.

## 7 - ORAÇÃO - PORQUE DEVEMOS ORAR?

**João Paulo II** na audiência geral para os jovens em 14 de março de 1979, publicado no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português, de 18 de março de 1979, nº 11 (485) pág. 15.

A quaresma há-de deixar marca forte e indelével na nossa vida. Deve renovar em nós a consciência da nossa união com Jesus, que nos fala da necessidade da conversão e nos indica o caminho a conseguir.

O primeiro dos caminhos indicados por Jesus é o da oração: É necessário orarmos sempre e nunca nos cansarmos (Lc, 18, 1).

Porque devemos orar?

1. Devemos orar, primeiro que tudo, porque somos crentes.

A oração é, de fato, o reconhecimento do nosso limite e da nossa dependência; vimos de Deus, somos de Deus e a Deus voltamos. Não podemos portanto, deixar de nos abandonarmos a Ele, nosso Criador e Senhor, com plena e total confiança. Alguns afirmam e procuram demonstrar que o universo é eterno e que toda a ordem que vemos no universo - incluído o homem com a sua inteligência e liberdade - é apenas obra do acaso. Os estudos científicos e a experiência de muitas pessoas honestas dizem porém que estas idéias, embora afirmadas e até ensinadas, não se demonstra, e deixam extraviados e inquietos aqueles que as defendem, porque muito bem compreendem que um objeto em movimento deve receber impulso de fora. Compreendem muito bem que não pode o acaso produzir a ordem perfeita, qual existe no universo e no homem. Tudo está admiravelmente ordenado, desde as partículas infinitesimais que formam átomo até às galáxias que se movem no espaço. Tudo indica um projeto, que inclui todas as manifestações da natureza, da matéria inerte até ao pensamento do homem. Onde há ordem, há inteligência; e onde há uma ordem suprema,

há a Inteligência Suprema, a que nós chamamos "Deus" e que Jesus nos revelou que é Amor, e nos ensinou a chamarmos Pai.

Assim, refletindo sobre a natureza do universo em mesmo sobre a nossa vida, compreendemos e reconhecemos que somos criaturas, limitadas mas sublimes todavia, que devem a sua existência à Infinita Majestade do Criador.

Por isso, a oração é primeiro que tudo, ato de inteligência, sentimento de humildade e de reconhecimento, atitude de confiança e abandono diante d'Aquele que nos deu a vida por amor.

A oração é diálogo misterioso mas real com Deus, diálogo de confiança e de amor.

2. Nós somos porém cristãos, e por isso devemos orar como cristãos.

De fato, a oração adquire para o cristão uma característica especial, que lhe muda totalmente a natureza íntima e o íntimo valor.

O cristão é discípulo de Jesus: é aquele que verdadeiramente acredita que Jesus é o Verbo Encarnado; o Filho de Deus vindo ao meio de nós nesta terra.

Como homem, a vida de Jesus foi oração contínua. ato contínuo de oração e de amor ao Pai, e, sendo a mais alta expressão da oração o sacrifício, o auge da oração de Jesus é o Sacrifício da Cruz, antecipado com a Eucaristia na Última Ceia e transmitido com a Santa Missa por todos os séculos.

Por isso, o cristão sabe que a sua oração é Jesus; toda a sua oração parte de Jesus; é Ele que ora em nós, conosco e por nós.

Todos aqueles que crêem em Deus, oram; mas o cristão ora em Jesus Cristo; Cristo é a nossa oração.

A máxima oração é a Santa Missa porque na Santa Missa é mesmo Jesus, realmente presente, que renova o Sacrifício da Cruz; mas toda a oração é valiosa, especialmente o "Pai nosso", que Ele mesmo quis ensinar aos Apóstolos e a todos os homens da terra.

Pronunciando as palavras "Pai nosso", Jesus criou um modelo concreto e ao mesmo tempo universal. De fato, tudo o que se pode e deve dizer ao Pai está incluído naqueles seis pedidos, que todos sabemos de cor. Há neles tal simplicidade, que até uma criança os aprende, mas ao mesmo tempo tal profundidade que se pode passar uma vida inteira a meditar-lhes o sentido.

3. Por fim, devemos orar, ainda, porque somos frágeis e culpados.

É preciso reconhecer humilde e realisticamente que somos pobres criaturas, confusas nas idéias, tentadas para o mal, frágeis e débeis, com necessidade contínua de força e consolação.

- A oração nos dá a força para os grandes ideais, para manter a fé, a caridade, a pureza e a generosidade;

- A oração dá a coragem para sair da indiferença e da culpa, se por desgraça se caiu na tentação e na fraqueza.

- A oração dá a luz para ver e considerar os acontecimentos da própria vida e mesmo da história, na perspectiva salvífica de Deus e da eternidade.

Por isso não deixeis de orar. Não passe dia nenhum sem rezardes um pouco. A oração é dever, mas é também grande alegria, porque é diálogo com Deus por meio de Jesus Cristo. Cada domingo a Santa Missa e, se vos é possível, às vezes também durante a semana. Todos os dias, as orações da manhã e da noite, e nos momentos mais convenientes.

São Paulo escrevia aos primeiros cristãos: Sede perseverantes e vigilantes na oração (Col. 4, 2). Com toda a espécie de oração e de súplica, orai sem interrupção (Ef. 6, 18).. Invoquemos Maria Santíssima para que vos ajude a orar sempre e a orar bem. E, recomendo eu também a Minha Pessoa e a minha Missão às vossas fervorosas orações, a todos com grande afeto e benevolência vos abençoo.



## 8 - A NECESSIDADE DA ORAÇÃO

João Paulo II na audiência geral de quarta-feira, 9 de setembro de 1992, publicado no jornal *L'Osservatore Romano*, de 13 de setembro de 1992, edição semanal em português, pág. 460.

1. "Senhor, ensina-nos a orar!" (Lc. 11,1). Quando os Apóstolos, aos pés do Monte das Oliveiras, se dirigiram a Jesus com estas palavras, não Lhe fizeram um pedido qualquer, mas exprimiram, com confiança espontânea, uma das necessidades mais profundas do coração humano.

A esta necessidade, de fato, o mundo contemporâneo não dá muito espaço. Já o próprio ritmo frenético das atividades quotidianas, juntamente com a invasão rumorosa e com frequência frívola dos meios de comunicação, não constitui certamente um elemento favorável ao recolhimento interior, requerido pela oração. Há depois dificuldades mais profundas: no homem moderno foi-se atenuando cada vez mais a visão religiosa do mundo e da vida. O processo de secularização parece tê-lo persuadido de que o curso dos eventos tem a sua explicação suficiente, no jogo das forças imanentes neste mundo, independentemente de intervenções superiores. As conquistas da ciência e da técnica, além disso, alimentaram nele a convicção de poder já hoje, em medida notável, e ainda amanhã, dominar as situações, orientando-as segundo os próprios desejos.

Nos próprios ambientes cristãos, depois, tem-se difundido uma visão "funcional" da oração, que corre o perigo de comprometer o seu caráter transcendente. O verdadeiro encontro com Deus, afirma alguns, verifica-se na abertura para o próximo. A oração não seria, por isso, um subtrair-se à dissipação do mundo, para se recolher ao diálogo com Deus; ela exprimir-se-ia antes no empenho incondicionado de caridade para com os outros. Oração autêntica seria, por isso as obras de caridade e só elas.

2. Na realidade, o ser humano que, enquanto criatura é em si mesmo incompleto e indigente, se volta espontaneamente para aquele que é a fonte de todo o dom, para O louvar, Lhe suplicar e procurar n'Ele a satisfação da pungente nostalgia que arde no seu coração. Bem o entendeu Santo Agostinho, quando anotava: "Criaste-nos para Vós, ó Senhor, e o nosso coração está inquieto, enquanto não descansa em Vós" (Confiss. 1, 1).

Precisamente por isto a experiência da oração, como ato fundamental do crente, é comum a todas as religiões, também àquelas em que a fé num Deus pessoal é sobretudo vaga ou está ofuscada por falsas representações.

Em particular, ela é própria da religião cristã, na qual ocupa um lugar central. Jesus exorta a "orar sempre, sem desfalecer" (Lc. 18,1). O cristão sabe que a oração lhe é necessária como a respiração e, uma vez experimentada a suavidade do colóquio íntimo com Deus, não hesita em imergir-se nele com abandono confiante.



## 9 - A ORAÇÃO CRISTÃ ESTÁ RADICADA DO ANTIGO TESTAMENTO

**João Paulo II** na audiência geral de quarta-feira, 16 de setembro de 1992, publicado no jornal *L'Osservatore Romano*, de 20 de setembro de 1992, edição semanal em português, pág. 468.

1. A oração cristã, sobre a qual queremos hoje deter-nos, *aprofunda as suas raízes no Antigo Testamento*. Ela, de fato, está intimamente ligada com a experiência religiosa do povo de Israel, no qual Deus quis reservar a *revelação do seu mistério*.

Ao contrário das populações pagãs, o israelita piedoso conhece "o rosto" de Deus e a Ele pode dirigir-se com confiança, em nome da *aliança* estipulada aos pés do monte Sinai. Javé é suplicado em Israel como criador do universo, . senhor dos destinos humanos, operador dos mais extraordinários prodígios, mas a Ele o povo dirige-se sobretudo como ao *Deus da aliança*. Nesta convicção apoia-se a confiança com que O invoca em todas as "circunstâncias": "Eu Vos amo, Senhor, minha força - professava com o Salmista todo o bom hebreu - Senhor, minha rocha, minha fortaleza e meu refúgio, meu Deus e meu abrigo em que me refugio, meu escudo, minha defesa e meu castelo" (Sl. 17/18, 2-3).

2. Confiança, portanto, mas também *profunda veneração e respeito*. A Deus, com efeito, é devida a iniciativa da aliança. Diante d'Ele a atitude fundamental do orante continua a ser, por isso, de escuta. Porventura não começa precisamente com esta exortação o *Shemá*, a quotidiana profissão de fé, com que o israelita inicial todas as suas jornadas? "Escuta, ó Israel! O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor!" (Dt. 6,4).

Não por acaso a *adoração do único Deus* constitui primeiro mandamento da lei (cf. Dt. 6, 5), do qual derivam, como da sua fonte mais alta, todos os outros deveres morais. O pacto de aliança com o Deus "justo" e "santo" não pode deixar de empenhar o crente numa conduta, digna de um Interlocutor tão excelso. Nenhuma oração poderia suprir as carências de uma vida moral incorreta. Jesus recordará um dia aos fariseus, quanto a isto, um texto de Oséias particularmente significativo: "Eu quero a misericórdia e não os sacrifícios, o conhecimento de Deus mais que os holocaustos" (6,6).

3. Enquanto *encontro com o Deus da aliança*, a oração do hebreu fiel não é, como para os pagãos, um *monólogo* dirigido a ídolos surdos e mudos, mas um verdadeiro e próprio *diálogo* com um Deus que se manifestou muitas vezes no passado, com palavras e com fatos, eu que

também no presente continua a fazer sentir, de tantas maneiras, a própria presença salvífica.

Além disso, é uma oração com conotações prevalentemente *comunitárias*: as pessoas sentem que podem falar com Deus, precisamente porque pertencem ao povo por Ele escolhido. Não falta, contudo, a dimensão *individual* basta folhear o "manual" da oração bíblica, o Livro dos Salmos, para dele recolher ecos eloqüentes da piedade pessoal de cada um dos israelitas.

4. A esta piedade, de resto, exortam com insistência os profetas. Diante das recorrentes tentações de formalismo e de exterioridade vazia, bem como das situações de desencorajamento e de desconfiança, a ação dos profetas está constantemente dirigida para chamar os israelitas a uma devoção o mais interior e espiritual, da qual só pode brotar uma verdadeira experiência de comunhão com Javé.

Assim, enquanto a oração veterotestamentária alcança o seu vértice, se prepara a forma definitiva, que ela assumirá com a encarnação da própria Palavra de Deus.



#### 10 - A ORAÇÃO UNIDA AO SACRIFÍCIO CONSTITUI A FORÇA MAIS PODEROSA DA HISTÓRIA HUMANA

João Paulo II, alocução da audiência geral de quarta-feira, 12 de janeiro de 1994, publicada no jornal *L'Osservatore Romano*, de 15 de janeiro de 1994, n° 3 (1.258) pág. 12 (28).

A intervenção humanitária mais poderosa permanece sempre a oração. Ela constitui um enorme poder espiritual, sobre tudo quando é acompanhada pelo sacrifício e pelo sofrimento. Quantos sacrifícios, quantos sofrimentos são enfrentados pelos homens e pelas nações daquela conturbada região dos Balcãs! (ex-Iugoslávia). Ainda que não pareça, a um olhar superficial, e muitos não o reconheçam, a oração unida ao sacrifício constitui a força mais poderosa da história humana. Ela é semelhante, como diz São Paulo, a um "amontoar carvões em brasa sobre a cabeça" daqueles que cometem delitos e injustiças (cf. *Rom. 12, 20*): é semelhante à "espada de dois gumes, que penetra até dividir a alma e o corpo, as juntas e as medulas e discerne os pensamentos e intenções do coração" (*Heb. 4,12*).

A oração é também uma arma para os fracos e para quantos sofrem injustiça. É a arma daquela luta espiritual que a Igreja trava no mundo: ela não dispõe de outras armas!

#### 11 - A FORÇA PODEROSA DA ORAÇÃO

João Paulo II, alocução mariana de domingo, 23 de janeiro de 1994, publicada no jornal *L'Osservatore Romano*, de 29 de janeiro de 1994, n° 5 (1.260) pág. 1 (45).

Pedimos ao Senhor o dom da plena comunhão entre todos os discípulos de Cristo, enquanto está em pleno desenvolvimento a anual Semana de orações pela unidade dos cristãos.

A oração é uma arma formidável. Ela abate no coração do homem o "muro" que se entrepõe ao amor de Deus, e preenche os fossos do ódio, da desconfiança, do rancor, causa muitas vezes de divisão entre homem e homem, entre povo e povo.



## 12 - A ORAÇÃO DO "PAI NOSSO" EXPLICADA PELO PAPA

**João Paulo II** na celebração das Vésperas em **Tronso** (Noruega, condado situado ao norte do Circulo Polar Ártico) em 2 de junho de 1989, como publicado no *L'Osservatore Romano* de 11 de junho de 1989, edição semanal em português, pág. 300.

"Caros irmãos e irmãs: o que significa orar? Significa elevar a nossa mente e o nosso coração a Deus, em louvor e ação de graças, e viver segundo a verdade acerca de Deus, de nós mesmos e do mundo. Significa cultuar a Deus não apenas com palavras, mas também com obras, como nos ensina a "oração do Senhor".

### 1. Queridos amigos

É para mim um grande prazer visitar-vos em Tromso. É a primeira vez que visito uma terra no Norte do Círculo Polar Ártico.

Sei que tendes "a noite durante dois meses" do ano. Entretanto, alegrai-vos pelo retorno da luz. Tendes as noites luminosas, sem ocaso. Compreendo quanto deveis amar a luz.

Jesus Cristo disse: "Eu sou a luz do mundo".  
Ele é a luz que sempre ilumina.  
Ele é a luz que sempre aquece.

Precisamente Ele é a luz que nos traz o amor, a alegria, a esperança e a paz.

As minhas saudações e a Benção do Senhor desça sobre todos vós e sobre a vossa terra do Norte.

2. Ao reunirmos-nos nesta noite em oração devemos perguntar-nos qual é o significado da oração. Os maravilhosos Salmos que acabamos de cantar, ensinam-nos a base de toda a oração: recordam-nos que *somos criaturas e temos um relacionamento com Deus que nos criou.*

"Nas suas mãos estão as profundezas da terra e os cimos das montanhas pertencem-lhe. D'Ele é o mar, pois Ele o fez, e a terra firme é obra das Suas mãos... ajoelhem-nos diante do Senhor que nos criou" (Sl. 94/95, 4-6).

Os salmos também falam da nossa necessidade de libertação, ou, para sermos mais precisos, eles celebram com ação de graças as *poderosas obras* de libertação, que Deus realizou em favor do Seu povo:

"No nosso abatimento lembrou-se de nós, porque é eterna a Sua misericórdia. E livrou-nos dos nossos inimigos.... Ele dá alimento a todos os seres vivos, porque é eterna a Sua misericórdia" (Sl. 135/136, 23-25).

Caros irmãos e irmãs: nos Salmos vemos como o povo eleito de Deus enormemente louvava e agradecia o dom da criação e a sua libertação dos inimigos terrenos. Maior ainda deve ser a nossa necessidade de orar ao Deus Onipotente, *que nos liberta do pecado e da morte*, mediante a Cruz e a Ressureição de Seu Filho, e que faz de nós uma nova criação, mediante o poder do Espírito Santo.

Deste modo, somos conduzidos ao Evangelho. Assim como os primeiros discípulos, também nós viemos a Cristo ansiosos por apreender como orar (cf. Lc. 11,1). Ao ensinar-nos o "Pai-nosso", Cristo estabelece o *modelo de toda a oração*. Ele explica-nos o nosso relacionamento com Deus e com o próximo: Deus é nosso Criador: é o nosso Pai comum, somos irmãos e irmãs uns dos outros.

3. E por isso dizemos: *"Pai nosso que estais nos céus"* (Mt. 6,0).

Quando Jesus ora Ele utiliza a palavra aramaica: "Abba" (c. Mc. 14,36), que é a expressão usada pelos pequeninos em relação ao próprio pai. Somente Cristo, o Filho eterno consubstancial ao Pai, tem o direito de se dirigir com tal familiariedade, com tal intimidade, Àquele cujo trono está nos céus. Todavia, nós também recebemos este privilégio, *mediante a nossa adoção como filhos de Deus com o Batismo* (cf. Rom. 8,15; Gál. 4,6). Tornamo-nos filhos e filhas "no Filho", Jesus Cristo.

Este inimaginável e imerecido dom da comunhão com Deus transforma todos os relacionamentos humanos. Não oramos ao "meu" pai ou ao "teu" pai, mas ao "nosso Pai". Mesmo quando "fechamos a porta e rezamos ... em segredo" (Mt. 6,6) estamos unidos espiritualmente com todos os nossos irmãos e irmãs em Cristo, com todas as pessoas humanas, criadas à imagem e semelhança de Deus e remidas pelo sangue do Cordeiro. A oração liberta-nos do egoísmo, do isolamento e da solidão. Abre-nos para o mistério de comunhão para com Deus e com os outros.

4. *"Santificado seja o Vosso nome, venha a nós o Vosso reino; faça-se a Vossa vontade, assim na terra como no céu"* (Mt. 6, 9-10).

No mundo moderno, os desenvolvimentos científicos e tecnológicos afastaram muitos dos nossos temores, aliviaram muito peso da nossa existência e abriram novas possibilidades para a auto-realização humana. Mas estes desenvolvimentos podem também levar a *uma grande tentação como aquela "no princípio"* citada no livro do Gênesis; a tentação de decidirmos por nós mesmos o que é bom e mau, sem referência a Deus que nos criou, a vã tentativa de nos colocarmos a nós mesmos e a nossa vontade no centro do universo, e não Deus e a sua lei. Mas se rejeitamos ou ignoramos Deus "que é amor", rejeitamos o próprio amor.

A primeira preocupação da "oração do Senhor" é por que o *nome de Deus seja glorificado, venha o seu Reino e seja feita a Sua vontade*. Se esta for a nossa prioridade, então todo o restante nos será dado. O progresso na ciência, na economia, na organização social e na cultura não nos privará da nossa humanidade, mas há de refletir o único amor que dá vida, significado e alegria aos nossos esforços humanos. *É Deus que "nos dá o pão de cada dia"* (Mt. 6,11), mesmo quando nos recordamos que nem só de pão vivemos "mas de toda palavra que sai da boca de Deus" (Mt. 4,4).

5. *"Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido"* (Mt. 6,12).

O ensinamento de Cristo é simples, mas exigente. Ele diz "se perdoardes aos homens as suas ofensas, também o vosso Pai celeste vos perdoará a vós. Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também o vosso Pai não perdoará as vossas" (Mt. 6, 14-25).

Caros irmãos e irmãs: porventura, não é esta a mais difícil súplica na oração do Senhor, precisamente porque o que nos é pedido é tão claro e inflexível? Ao pronunciarmos estas palavras professamos a nossa confiança na misericórdia de Deus, mas também nos empenhamos numa vida de perdão. Muita vezes impomos condições ao nosso perdão ou recusamos buscar reconciliação quando erramos. Todavia, se Deus nos devesse tratar desse modo, quem se poderia salvar? Justamente por isto é que deploramos o ódio, a vingança e a dureza de coração que afligem a sociedade em muitas partes do mundo, mas a "oração do Senhor" desafia-nos a transformar o mundo, a começar pela conversão do nosso próprio coração. À maneira de Cristo perdoar exige que amemos até mesmo os nossos inimigos oremos pelos nossos perseguidores (cf. Mt. 5,44). Só então poderemos orar verdadeiramente, como Jesus nos ensinou.

6. "Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal" (Mt. 6,13).

Esta súplica final no "Pai-nosso" ajuda-nos a compreender a divina Providência, na luz da morte e da ressurreição de Cristo. Adverte-nos da existência do mal e traz à mente as palavras de Cristo: "Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma. Temei antes Aquele que pode fazer perecer na geena o corpo e a alma" (Mt.10,28).

Isto não significa que Deus não ouça as nossas súplicas de libertação do perigo físico e do mal, ou que seja indiferente ao sofrimento ou à morte causada pelas calamidades naturais, pela doença, pela carestia e pela guerra. É muito natural que nos dirijamos ao nosso Pai celeste, em busca de proteção ante estes males que entraram no mundo por causa do pecado original. Mas, ao mesmo tempo, devemos ter confiança na vitória de Cristo sobre o sofrimento e a morte, quando, apesar das nossas orações e dos nossos esforços humanos, ainda sofremos o mal neste mundo que passa, devemos ter fé em que esse mal pode ser superado mediante o poder redentor do amor. O maior mal que no fim nos pode acontecer, é que estejamos separados de Deus por causa do pecado. É isto, sobretudo, que queremos dizer quando pedimos que não caiamos em tentação mas sejamos liberados do mal.

7. Caros irmão e irmãs: o que significa orar? Significa elevar a nossa mente e o nosso coração a Deus, em louvor e ação de graças, e viver segundo a verdade acerca de Deus, de nós mesmos e do mundo. Significa cultuar a Deus não apenas com palavras, mas também com obras, como nos ensina a "oração do Senhor".

Reunidos neste noite no longo brilho do horizonte do Norte, na luz do sol que não tem ocaso, que de modo tão claro simboliza Cristo a Luz do mundo, que é o mesmo ontem, hoje e sempre, tomemos a peito as palavras com que Ele concluiu o seu sermão do Evangelho. O que Ele disse à multidão naqueles dias dirige-se também a cada um de nós: "Quem escuta as minhas palavras e as põem em prática é como o homem prudente que edificou a sua casa sobre rocha. Caiu a chuva, engrossaram os rios, sopraram os ventos contra aquela casa: mas ela não caiu, porque estava fundada sobre a rocha" (Mt. 7,24-25).

Que o "nosso Pai no céu" nos dê sempre esta sabedoria e esta força.



#### 14 - ORAÇÃO EM PARTICULAR E EM COMUM; VOCAL E MENTAL.

João Paulo II, Alocução na audiência geral de quarta-feira, 4 de janeiro de 1995, O empenho da oração na vida consagrada, publicado no jornal L'Osservatore Romano n. 1.309, edição semanal em português, 7 de janeiro de 1995, pág. 12.

5. Sabe-se que na tradição cristã se costumam distinguir várias formas de oração, e em particular a oração <em comum>, e a oração <solitária>. Ambas são úteis e geralmente prescritas. Talvez se deva sempre evitar que a oração comum desabitue à oração solitária, ou que esta se torne tão preponderante que elimine ou desvalorize a oração comum. Um autêntico espírito de oração evangélico regula ambas as formas, segundo uma medida benéfica para a alma, que os Fundadores e os Legisladores dos Institutos religiosos estabelecem em sintonia com a autoridade da Igreja.

O mesmo se pode repetir acerca da distinção entre a oração vocal e a oração mental, ou <oração>. Na realidade, toda a oração deve ser súplica do coração.

Jesus recomenda a oração humilde e sincera: "Reza em segredo a teu Pai" (Mt. 6,6), advertindo que não é a multidão de palavras que assegura o acolhimento favorável (Mt. 6,7). Mas, é de igual modo verdade que a oração interior tende, pela própria natureza do homem, a exprimir-se e expandir-se nas palavras, nos gestos, num conjunto de atos de culto chamado exterior, cuja alma permanece sempre a oração do coração

6. O Concílio indica ainda "as genuínas fontes da espiritualidade cristã" e da oração (PC, 6); são a Sagrada Escritura, da qual sugere a leitura e meditação para se poder entrar mais profundamente no mistério de Cristo, e a liturgia, sobretudo a celebração eucarística, com a riqueza das suas leituras, a participação sacramental na oferta redentora da Cruz, o contato vivo com Cristo, alimento e bebida, na Comunhão. Alguns Institutos promovem também a prática da adoração eucarística, apta para favorecer a contemplação e a adesão à pessoa de Cristo, e para testemunhar a atração que a sua presença exerce sobre a humanidade (cf. Jo. 12,32). Não podem deixar de ser louvados e propostos à imitação. (...)

Deve-se, porém, notar que também os Institutos contemplativos têm na Igreja uma função apostólica. Com efeito, a oração é um serviço à Igreja e às almas. Ela produz "abundantes frutos de santidade" e proporciona ao povo de Deus "uma misteriosa fecundidade apostólica" (PC, 7). De fato, sabe-se que os contemplativos oram e vivem para a Igreja e, com frequência, obtêm mediante o seu apoio e o seu progresso, graças e ajudas celestes bem superiores àquilo que foi realizado com a ação.



14 - A ORAÇÃO HUMANA PARTICIPA DE ALGUM MODO DO MESMO PODER DE INTERCESSÃO QUE É PRÓPRIO DO FILHO.

Carta ao Bispo de Pavia, por ocasião do VI Centenário da Cartuxa, publicada no jornal L'Osservatore Romano, edição

semanal em português n. 36 (1.395), 7 de setembro de 1996,  
pág. 7 (415).

"O silêncio e a solidão são elementos particularmente aptos para dispor a mente e o coração ao colóquio constante com Jesus Cristo. (...) É necessário e urgente opor-se àquele sentir, hoje infelizmente difundido, que põe de lado os valores do espírito para seguir as falazes atrações do mundo.

As palavras de Jesus: "Se vós estiverdes em Mim e as Minhas palavras estiverem em vós, pedireis tudo o que quiserdes e ser-vos-á concedido" (Jo. 15, 7), indicam com clareza que na oração se alimenta uma particular relação com Deus. Quanto mais entramos em comunhão com Jesus, tanto mais forte se torna o desejo de participar no Seu colóquio com o Pai no Espírito Santo. Deste modo, a oração humana participa de algum modo do mesmo poder de intercessão que é próprio do Filho.

Mas a eficácia da oração também depende do grau de comunhão fraterna que nela se exprime. Jesus disse: "Se dois de entre vós se unirem, na terra, para pedirem qualquer coisa, obtê-la-ão de Meu Pai que está nos céus" (Mt. 18, 19). O Mestre apresenta-nos o motivo: "Pois onde estiverem reunidos, em Meu nome, dois ou três, Eu estou no meio deles" (Mt. 18, 20). Por conseguinte, é indispensável cultivar a comunhão fraterna, na qual unicamente se cria o clima espiritual no qual pode florescer a autêntica oração cristã, que sabe fundir ao mesmo tempo verdade e caridade, correção fraterna e perdão, verdade e amor. Deste modo, a oração abre os nossos olhos para o verdadeiro e imerge-nos na misericórdia amorosa de Deus."



#### 15 - SENHOR, ENSINA-NOS A ORAR!

Alocução do "Angelus" de domingo, 27 de julho de 1980, publicado no jornal L'Osservatore Romano, edição semanal em português n. 31 (557), 3 de agosto de 1980, pág. 1( 457).

1. Estamos reunidos também hoje, como todos os domingos, para a oração comum do "Angelus". A leitura da liturgia de hoje (XVII domingo do tempo ordinário) anima-nos a refletir sobre a oração. "Senhor, ensina-nos a orar ..." (Lc. 11, 1), diz a Cristo no Evangelho um dos Seus discípulos. E Ele responde-lhes aduzindo o exemplo de um homem, sim de um homem importuno, que, encontrando-se em necessidade, bate à porta do seu amigo precisamente à meia-noite. Mas obtém aquilo que pede. Jesus anima-nos, pois, a termos semelhante atitude na oração: a da ardente perseverança. Diz: "Pedi e dar-se-vos-á; procurai e achareis; batei e abrir-se-vos-á ... (Lc. 11, 9).

Modelo semelhante de oração perseverante, humilde e, ao mesmo tempo, confiante encontra-se no Antigo Testamento, em Abraão, que suplica a Deus pela salvação de Sodoma e Gomorra, se ao menos houver lá dez justos.

2. Assim devemos pois animar-nos cada vez mais à oração. Devemo-mos recordar sempre da exortação de Cristo: "pedi e dar-se-vos-á; procurai e achareis; batei e abrir-se-vos-á". Em particular devemos recordar quando estamos a perder a confiança ou a vontade de orar.

Devemos também de novo aprender sempre a orar. Muitas vezes acontece que nos dispensamos de orar com a desculpa de o não sabermos fazer. Se realmente não sabemos orar, tanto mais é então

necessário aprender. Isto é importante para todos, e parece ser particularmente importante para os jovens, que muitas vezes descuidam a oração que aprenderam em crianças, porque ela lhes parece demasiado infantil, ingênua e pouco profunda. Ora semelhante estado de consciência constitui estímulo indireto a aprofundar a própria oração, a torná-la mais reflexiva e mais amadurecida, a procurar o apoio para ela na Palavra de Deus mesmo, e no Espírito Santo, que "intercede insistentemente por nós com gemidos inefáveis", como escreve São Paulo (Rom. 8, 26).

3. Sei que muitas pessoas, na Itália, na Polónia e em todo o mundo pedem pelo Papa e muitas se unem com ele na oração, abraçando no ânimo os problemas que formam o objeto das suas implorações a Deus. Na ocasião de hoje, desejo dizer quanto estou enormemente grato por esta recordação e esta união na oração. É grande auxílio e enorme sustentáculo, que não deixo de agradecer quotidianamente a Deus. Com este ato de gratidão abraço todos os meus benfeitores, conhecidos e desconhecidos, e, em particular, os que juntam à própria oração o sacrifício espiritual do sofrimento.

E enquanto agradeço isto publicamente na circunstância de hoje, não cesso de repetir a mim mesmo e aos outros: "Pedi e dar-se-vos-á; procurai e achareis; batei e abrir-se-vos-á". Sim, caros irmãos e irmãs. Existe enorme necessidade de oração, da oração incessante da Igreja; existe a necessidade da oração fervorosa, humilde e perseverante. Ela é a primeira frente em que o bem e o mal, no nosso mundo, se enfrentam. Ela abre caminho ao bem e serve para vencer o mal. A oração obtém a graça divina e a misericórdia para o mundo. Eleva os homens à dignidade que lhes deu o Filho de Deus, quando, unidos com Ele, repetem "Pai nosso".

Justamente falamos também do apostolado da oração. Justamente existe uma associação que usa tal nome. A oração é o primeiro apostolado, o fundamental e mais universal para cada um e para todos.



#### ORAÇÃO A N. SR<sup>a</sup>. DE GUADALUPE

JOÃO PAULO II, México, janeiro de 1979,  
publicada no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em  
português n<sup>o</sup> 4 (478), de 28 de janeiro de 1979.

Ó Virgem Imaculada,  
Mãe do verdadeiro Deus e Mãe da Igreja!  
Vós, que deste lugar, manifestais  
a vossa clemência e a vossa compaixão  
por todos os que imploram o vosso amparo:  
ouvi a oração que com filial confiança Vos dirigimos  
e apresentai-a ao vosso Filho Jesus, único Redentor nosso.

Mãe de misericórdia, Mestra do sacrifício escondido e silencioso,  
a Vós que vindes ao encontro de nós todos, pecadores, consagramos,  
neste dia, todo o nosso ser e todo o nosso amor.  
Consagramo-Vos também, a nossa vida,  
os nossos trabalhos, as nossas alegrias,  
as nossa doenças e os nossos sofrimentos.  
Dai a paz, a justiça e a prosperidade aos nossos povos,  
já que tudo o que nós temos e o que somos  
o deixamos ao vosso cuidado,  
Mão e Senhora nossa.

Queremos ser totalmente vossos

e convosco desejamos percorrer  
o caminho de uma felicidade plena a Jesus Cristo na sua Igreja:  
não nos deixeis desprender da vossa mão amorosa.

Virgem de Guadalupe, Mãe das Américas,  
pedimo-Vos por todos os Bispos,  
afim de que eles conduzam os fiéis  
por veredas de intensa vida cristã.  
de amor  
e de humilde serviço a Deus  
e às almas.

Contemplai esta seara imensa  
e intercedei por que o Senhor infunda fome de santidade  
em todo o povo de Deus  
e conceda abundantes vocações sacerdotais e religiosos  
fortes na fé  
e zelosos dispensadores dos mistérios de Deus.  
Concedei aos nosso lares  
a graça de amarem e respeitarem a vida nascente,  
com o mesmo amor com que Vós em vosso seio concebestes  
a vida do Filho de Deus.

Virgem Santa Maria, Mãe do Amor Formoso,  
protegei as nossas famílias,  
para que elas estejam sempre muito unidas,  
e abençoai a educação dos nossos filhos.

Esperança nossa,  
olhai-nos com compaixão  
ensinai-nos a ir continuamente para Jesus  
e, se cairmos, ajudai-nos  
a levantarmo-nos e a voltarmos para Ele,  
mediante a confissão das nossas culpas e dos nossos pecados  
no sacramento da Penitência  
que traz sossego à alma.

Suplicamo-Vos que nos concedais  
um amor muito grande a todos os santos Sacramentos  
que são como que as marcas que o vosso Filho  
nos deixou na terra.

Assim, nossa Mãe Santíssima,  
com a paz de Deus na consciência,  
com os nossos corações livres do mal e de ódios,  
poderemos levar a todos  
a alegria verdadeira e a verdadeira paz.  
as quais vêm do Vosso Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo  
que, com Deus Pai e com o Espírito Santo,  
vive e reina pelos séculos do séculos.  
Amém.



#### 17 - CONSIDERAÇÕES DO PE. MANUEL BERNARDES SOBRE O PAI-NOSSO

"Na oração do Pai Nosso resplandescem unidas seis maravilhosas excelências, a saber: sua dignidade, brevidade, simplicidade, fecundidade, ordem e eficácia ou utilidade. A *dignidade*, porque foi feita por uma Pessoa Divina, que é a palavra substancial e sabedoria do Eterno Pai, a qual se dignou instruir-nos por si mesma, no modo com que devíamos orar. A *brevidade*, porque em poucas palavras compreende o que havemos de crer, esperar, amar,

honrar, obrar, evitar, apetecer e desprezar; por onde Tertuliano lhe chamou o Breviário do Evangelho. E esta brevidade traz consigo os proveitos de ser mais fácil para a memória e repetição, menos sujeita a distrações e mais grata ao Senhor, que diz que, quando oramos, não falemos muito. A simplicidade, porque todas suas petições são puras, ingênuas e espiritualíssimas: e todas suas palavras claras, sem rodeios nem períodos longos, nem afetação de ornato retórico, que é o modo com que o mesmo Senhor nos ensinou a falar: *Sit autem sermi vester: est, est; non, non; quod autem his abundantius est, a malo est*: sejam as vossas palavras: sim, sim; não, não; o que daqui passa não vem de bom princípio. A *fecundidade*, porque (como disse o mesmo Tertuliano), quanto à letra desta oração se estreita em razões, tanto o seu espírito se difunde em sentidos: *quantum substringitur verbis, tantum difunditur sensibus*. Qualquer palavra dela, repisada na consideração, é como o grão de mostarda, que encerra ardores, ou do âmbar, que exala fragrância. Nem é possível fazermos petição alguma agradável a Deus que naquelas sete se não inclua, como pondera Santo Agostinho: *quantum libet alia verba dicamus, nihil aliud dicimus, quam in ista Dominica oratione positum est, si recte, et congruentes oremus; ordem*, porque ali fomos ensinados a pedir primeiro as coisas que respeitam à honra e glória de Deus, e depois as que tocam ao nosso bem espiritual e temporal; e no princípio se nos excita o coração, com a palavra Pai, a quem entremos a orar com fé, humildade, amor e confiança, e no fim se remata com a palavra Amen, que denota a ratificação de todos os desejos antecedentes acerca do que pedimos e a esperança de os conseguirmos. Finalmente, a eficácia ou utilidade, porque esta dependente da graça de Deus: e quem pode duvidar que tem para com este Senhor suma aceitação e graça as petições que seu mesmo Filho ditou?, que é o que disse S. Cipriano: *Amica, est familiaris oratio est Deum de sua rogare ad aures ejus ascendere Christi Orationem; agnoscat pater Filii sui verbe, cum precem facimus*. Além de que, o Pai Nosso, bem rezado, tem virtude para Deus nos perdoar os pecados leves cotidianos, como diz, com Santo Agostinho, S. Cesário Arelatense". ( Pe. Manuel Bernardes, in *Paraíso dos Contemplativos* - Oficina da Congregação do Oratório, 1739, págs.386/387) .



## 18 - PE. CHARLES DE FOUCAULD E A ORAÇÃO

Pensamentos copiados do livro *Viajante Noturno* (Padre Charles de Foucauld), organizado pelo Frei Patrício Sciadini, o.c.d., Editora Cidade Nova, São Paulo (coleção "Clássicos da Espiritualidade").

Tenho, no Santo Sacramento, o melhor amigo com quem posso falar dia e noite.

Quase nunca me afasto do santo tabernáculo: que mais posso desejar e que coisa melhor posso encontrar?

A oração é, portanto, o pedido daquilo que quereis, daquilo que quereis com a ajuda da graça, daquilo que quereis em vista de Deus.

A oração - neste segundo sentido mais amplo, que pode definir-se com o "ato da alma que se coloca aos pés de Deus para olhá-Lo em silêncio ou para olhá-Lo falando-Lhe - é tanto melhor quanto mais carregados de amor estiverem os olhares da alma, quanto mais ternamente, com mais amor e alma se coloca e permanece diante de Deus.

Na vossa regra de vida, é preciso que reserveis um lugar

grande, muito grande ao tempo exclusivamente consagrado à oração.

Estudemos com todo o nosso coração os santos evangelhos e creiamos neles: creiamos nestas palavras, creiamos nestes exemplos e pratiquemo-los com a fé, com o amor que se deve às palavras e aos exemplos de Deus.

À oração é preciso acrescentar a boa vontade, as boas obras que desta derivam, sem o que a oração é hipócrita, mentirosa, e é digna de castigo, longe de merecer que seja atendida.

Sempre nos concederá aquilo que Lhe pedimos ou algo melhor do que Lhe pedimos, conquanto peçamos com fé.

O que Nosso Senhor recomenda acima de tudo, na oração, é a fé ...

Inúmeras vezes, todos os dias devemos pedir a Deus em nossas orações que dê à sua Igreja santos apóstolos, que os sustente nas suas fadigas e que faça suas obras frutificarem ... Cumpre que rezemos pela Igreja, que rezemos pelos apóstolos, que rezemos pelos evangelizados.

Por conseguinte, nem por um minuto, um segundo sequer conservemos na alma qualquer resquício de ressentimento; sejamos, isto sim, de uma misericórdia e de uma tolerância infinitas, nós que tanto necessitamos de tolerância e de misericórdia ... Rezemos todos os dias pelos nossos inimigos.

Mas é preciso acreditar que tudo o que pedimos na oração nos será concedido.

E visto que a oração é a expressão natural, o sinal do amor, rezemos continuamente, para continuamente amar.

É preciso volvermos a Deus, com simplicidade absoluta, todos os nossos pensamentos, as nossas queixas como os demais.

Peçamos, portanto, sem medo algum, a Nosso Senhor, as coisas mais impossíveis de se obter, quando elas visam a sua glória e temos a certeza de que Seu Coração tanto mais no-las concederá quanto mais pareçam humanamente impossíveis.

Por conseguinte, conforme temos visto, a propósito da agonia de Nosso Senhor, é preciso rezar e rezar demoradamente antes de todo ato grave da nossa vida, assim é preciso rezar e rezar demoradamente depois de todo ato grave de nossa vida.

Nosso Senhor apressa-se para nos dizer a condição, "*sine qua non*", como devemos cumprir todas as nossas orações, a qualidade que absoluta e indispensavelmente devem ter essa qualidade é a humildade.



**19 - A ORAÇÃO É UM TEMA INFINITO (CONGRESSO SOBRE ORAÇÃO) - 24 DE NOVEMBRO DE 1984.**

Na Basílica de São Pedro, no Congresso sobre a oração, realizado em Roma, em 24 de novembro de 1984, publicado no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português n. 49 (783), 2 de dezembro de 1984, pág. 9 (589).

"Fica, Senhor, conosco, porque já se faz noite" (cf. Lc. 24, 29).

1. É esta a invocação que brota espontânea da alma diante de Cristo, presente no Sacramento da Eucaristia, enquanto estamos aqui recolhidos diante d'Ele, ao término de um dia por vós dedicado ao grande e maravilhoso tema da oração.

2. No início do meu pontificado disse que a oração é para mim o primeiro dever e quase o primeiro anúncio, tal como é a primeira condição do meu serviço na Igreja e no mundo (cf. Insegnamenti di Giovanni Paolo II, vol. I, 1978, p. 78). É preciso reafirmar que todas as pessoas consagradas ao ministério sacerdotal ou à vida religiosa, bem como todos os fiéis, deverão sempre considerar a oração como a obra essencial e insubstituível da própria vocação, o opus divinum que antecede - quase no vértice de todo o seu viver e agir - qualquer outro empenho seu. Bem sabemos que a fidelidade à oração ou o seu abandono são a prova da vitalidade ou da decadência da vida religiosa, do apostolado, da fidelidade cristã (cf. Discurso às Religiosas - Insegnamenti, vol. II-2, 1979, p. 680).

Quem conhece a alegria da oração, sabe também que há nesta experiência algo de inefável e que o único modo para compreender a sua íntima riqueza é vivê-la: o significado da oração é compreendido orando. Com palavras só se pode tentar balbuciar algo: orar significa entrar no mistério da comunhão com Deus, que se revela à alma na riqueza do seu amor infinito; significa entrar no coração de Jesus para compreender os seus sentimentos; orar significa também antecipar nalguma medida nesta terra, no mistério, a contemplação transfigurante de Deus, que se tornará visível para além do tempo, na eternidade.

A oração é pois, um tema infinito na sua substância, e é de igual modo infinito na nossa experiência, porque o dom da oração se multiplica em quem ora, segundo a multiforme, irrepetível e imprevisível riqueza da Graça divina que vem a nós no ato do nosso orar.

3. Na oração é o Espírito de Deus que nos conduz ao conhecimento da nossa mais profunda verdade interior e nos revela a nossa pertença ao Corpo de Cristo que é a Igreja. E a Igreja sabe que um dos seus deveres fundamentais consiste em comunicar ao mundo a sua experiência de oração; comunicá-la ao homem simples e ao sábio, ao homem que medita e também àquele que se sente quase arrastado pelo ativismo.

A Igreja vive na oração a sua vocação de se fazer guia de toda a pessoa que, perante o mistério de Deus, verifica que precisa de iluminação e de apoio, descobrindo-se pobre e humilde, mas também sinceramente atraída pelo desejo de encontrar Deus para falar com Ele.

4. Jesus é a nossa oração. Seja este o primeiro pensamento de fé quando queremos orar. Ao fazer-se homem, o Verbo de Deus assumiu a nossa humanidade para a levar a Deus Pai como criatura nova capaz de dialogar com Ele, de O contemplar, de viver com Deus uma comunhão espiritual de vida mediante a Graça.

A união com o Pai, que Jesus revela, na sua oração, é um sinal para nós. Jesus associa-nos à sua oração. Ele é o modelo fundamental e a fonte do dom da oração na qual Ele envolve como Cabeça a sua Igreja toda.

Jesus continua em nós o dom da sua oração, quase a pedir-

nos emprestados a nossa mente, o nosso coração e os nossos lábios, para que no tempo dos homens continue sobre a terra a oração que Ele iniciou ao encarnar-se e eternamente prossegue com a sua própria humanidade, no céu (cf. Pio XII, Enc. "Mediator Dei", AAS. 39, 1947, p. 573).

5. Nós, porém, sabemos que nas condições terrenas em que nos encontramos há sempre algum sacrifício a fazer para orar bem, um certo obstáculo a superar. Surge espontâneo o interrogativo sobre as condições da oração. A respeito disto os clássicos da espiritualidade oferecem algumas sugestões úteis, que têm em conta a realidade da nossa condição humana.

Antes de tudo a oração requer de nós o exercício da presença de Deus. Assim os mestres espirituais chamavam àquele ato de fé que nos torna conscientes de que, quando oramos, Deus está conosco, nos inspira e nos escuta, leva a sério as nossas palavras. Sem esse prévio ato de fé a nossa oração poderia permanecer mais facilmente desviada do seu fim principal, isto é, de ser um momento de verdadeiro diálogo com o Senhor.

Para orar é preciso, além disso, realizar em nós um profundo silêncio interior. A oração é verdadeira se não procuramos nós mesmos, mas unicamente o Senhor. É preciso identificar-se com a vontade de Deus com espírito despojado, disposto a uma total entrega a Deus. Perceberemos então que toda a nossa oração converge, por sua natureza, para a oração que Jesus nos ensinou e que se tornou a sua única oração no Getsemani: "Não a Minha, mas a Tua vontade seja feita" (cf. Mt. 6, 10; Lc. 22, 42).

Enfim, tenhamos presente que na oração somos, com Jesus, embaixadores do mundo junto do Pai. A humanidade inteira tem necessidade de encontrar na nossa oração a própria voz: trata-se de uma humanidade necessitada de redenção, de perdão, de purificação. Na nossa oração, além disso, deve entrar também aquilo que nos agrava, aquilo de que nos envergonhamos; aquilo que, por sua natureza, nos separa de Deus, mas que pertence à nossa fragilidade ou à pobreza de cada um de nós (cf. Discurso de 14.3.1979, Insegnamenti di Giovanni Paoli II, vol. II, p. 543). Assim orou Pedro depois da pesca milagrosa, dizendo a Jesus: "Afasta-Te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador" (Lc. 5, 8).

Esta oração, que nasce da humildade da experiência do pecado, e que se sente solidária com a pobreza moral da humanidade inteira, toca o coração misericordioso de Deus, e renova na consciência de quem ora a atitude do filho pródigo, que comoveu o coração do Pai.

6. Caros irmãos e irmãs, recolhidos diante do sacramento da presença real de Cristo, inclinamos a fronte, cônscios da nossa insuficiência, mas ao mesmo tempo orgulhosos da imensa dignidade que esta presença nos dá: "Que povo há tão grande que tenha deuses como o Senhor, nosso Deus, sempre pronto a atender-nos quando O invocamos?" (Dt. 4, 7). Podemos estreitar-nos à volta d'Ele, podemos falar-Lhe de modo confidencial, sobretudo podemos escutá-L'O permanecendo em silêncio diante d'Ele, com o coração vigilante, prontos a acolher o misterioso balbuciar da sua palavra.

Orar não é uma imposição, é um dom; não é uma coação, é uma possibilidade, não é um peso, é uma alegria. Mas para saborear esta alegria, é preciso criar no próprio espírito as justas disposições.

Por isto, também esta tarde, retorna aos nossos lábios a invocação dos Apóstolos: "Senhor, ensina-nos a orar!" (Lc. 11, 1). Sim, Senhor Jesus, adestrai-nos nesta ciência singular, a única que há de atravessar os confins do tempo para Vos seguir na casa do Vosso

Pai, quando também nós "seremos semelhantes a Ele, porque O veremos como Ele é" (1, Jo. 3, 2). Ensina-nos, Senhor, esta ciência divina: ela nos basta!



## 20 - Regra de São Bento

### Capítulo 20 - Da reverência na oração

*Se queremos sugerir alguma coisa às pessoas poderosas, não temos a presunção de fazê-lo, a não ser com humildade e reverência. Quanto mais ao Senhor Deus do universo devemos suplicar com toda humildade e devoção pura. E poderemos saber que não é no muito falar, mas na pureza de coração e com lágrimas de contrição que seremos atendidos.*

*Por isso a oração deve ser breve e pura, a não ser que tenha de se prolongar por sentimento de inspiração da graça divina. Em comunidade, porém, seja muito breve a oração e, dado o sinal pelo superior, todos se levantem juntos.*



21 - Trecho do "*O Diadema do monge*", escrito por SMARAGDUS, Abade de Saint Michel, Séc. IX, como citado no livro "*São Bento e a vida monástica*", de DOM CLAUDE JEAN-NESMY, publicado no Brasil, na coleção "Mestres Espirituais", da Editora Agir, Rio de Janeiro, 1962, em tradução das monjas beneditinas da Abadia de Nossa Senhora das Graças.

"A oração vem do coração, não dos lábios. Com efeito, não é às palavras do suplicante que Deus presta atenção; Ele olha o coração de quem reza. Se o coração ora em silêncio e a voz se cala, embora essa oração esteja oculta aos homens, não pode estar oculta a Deus, presente na consciência. E é melhor orar com o coração em silêncio, sem ruído de vozes, do que só por palavras, sem a atenção do espírito. "Não são nossas vozes mas nossos desejos que falam por nós no mais secreto dos ouvidos de Deus. Mesmo se pedirmos a vida eterna com a boca, sem desejá-la de coração, embora gritando estamos calados. Se, pelo contrário, desejamos de coração enquanto nossa boca está muda, embora calados, estamos gritando. Eis por que no deserto, enquanto o povo faz grande alarido (em redor do bezerro de ouro) e Moisés se cala, longe do ruído das palavras, é aquele que guarda o silêncio que é escutado pelo ouvido da bondade divina (expressão tomada à liturgia: "*pateant aures misericordiae tuae, Domine*" Deus lhe diz: "Por que clamas a mim?" Está, pois, dentro de nós, em nosso desejo, o clamor secreto que não chega aos ouvidos humanos e, entretanto, enche o ouvido do Criador" (Longa citação tirada de São Gregório Magno, Mor. L. XXII, c. 7).

Nunca se deve clamar sem gemidos, pois a lembrança de nossas faltas deve gerar a tristeza (o pesar). Na verdade, enquanto oramos trazemos à memória nossa falta e então reconhecemos melhor que somos culpados. Por isso, quando nos apresentamos diante de Deus, devemos gemer e chorar, lembrando-nos da gravidade das faltas que

cometemos e da dureza dos suplícios do inferno que deveríamos temer. Depois da oração, fique a alma nas mesmas disposições, pois a oração de nada serve se se comete de novo aquilo pelo qual se solicitou o perdão ...

Oramos com verdade quando nosso pensamento está noutra parte. Porque não podemos obter os dons divinos a não ser que rezemos na simplicidade do coração. Assim, quando estamos em oração, devemos velar e aplicar-nos a rezar de todo o coração, de modo a afastar qualquer pensamento da carne ou do mundo: que a alma não pense então em coisa alguma senão no objeto único de sua oração. Eis por que o sacerdote prepara o coração dos irmãos dizendo: "*Sursum corda*", para que, ao responder o povo: "*Habemus ad Dominum*" seja advertido de que deve pensar somente no Senhor ... É bom orar sempre de coração, é bom também fazer ressoar a voz e glorificar a Deus por hinos espirituais. Cantar só com a voz sem a aplicação do coração nada é. Mas, como diz o Apóstolo: "Admoestando-vos uns aos outros com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando com a graça do fundo de vossos corações a Deus" (Col. III, 16). Quer dizer que não se deve salmodiar somente com a voz, mas com o coração ...

Assim como a oração nos corrige (permitindo-nos triunfar das tentação), o estudo dos salmos nos encanta. A salmodia tem a vantagem de consolar os corações entristecidos, de ensinar o reconhecimento às almas, de encantar os entediados, de excitar os preguiçosos, de convidar os pecadores a se lamentarem. Por mais duros, na verdade, que sejam nossos corações de carne, desde que ressoa a doçura de um salmo, inclina as almas a sentimentos de piedade. Não é a modulação da voz, mas somente as palavras divinas, cuja pronúncia deve comover o cristão: entretanto, não sei como as modulações daquele que canta fazem nascer no coração um pesar maior pelo pecado ...



Discurso aos milhares de peregrinos poloneses ouvintes da "Rádio Maria", reunidos na Praça de São Pedro, publicado no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português n.43 (1.454), 25 de Outubro de 1997, pág.14 (506).

#### Exorto-vos a perseverar na oração

A oração, com efeito, está no início da evangelização. É uma silenciosa mas eficaz fonte, da qual brota a força para dar testemunho. A vossa presença tão numerosa aqui é, entre outras coisas, fruto desse apostolado. Através das ondas da Rádio Maria (Polónia) são transmitidas a Santa Missa e também muitas orações profundamente arraigadas na nossa piedade polonesa. Poder-se-iam mencionar aqui a recitação do Rosário, a pequena coroa em honra da misericórdia divina, o "Angelus", o Pequeno Ofício em honra da Imaculada Conceição de Maria Santíssima, assim como a oração litúrgica das horas. É louvável que na Rádio Maria se ore e se ensine a oração aos ouvintes, mostrando como é grande a necessidade que dela tem o homem contemporâneo, a família, a Igreja e o mundo. Na vida de piedade, na vida moral e no apostolado, a oração é insubstituível. São Paulo escreve: "Orai incessantemente" (I Tes 5, 17). "Perseverai na oração" (Cl. 4. 2).

Alguns dias após a eleição à sede de São Pedro, fui ao Santuário mariano de Mentorella, nos arredores de Roma, e ali falei aos peregrinos sobre a necessidade da oração na vida cristã. Disse, então, que "a Igreja ora, a Igreja quer orar, deseja estar a serviço

do dom mais simples e ao mesmo tempo esplêndido do espírito humano, que se exprime na oração. A oração é, de fato, a primeira expressão da verdade interior do homem, a primeira condição da autêntica liberdade do espírito ... A oração dá sentido à vida inteira, em cada momento seu e em qualquer circunstância" (29 de outubro de 1978, L'Osservatore Romano, ed. port. de 5/11/1978, pág. 12).

Hoje, na vida de piedade e na vida social, na vida de muitas pessoas e nações há uma particular necessidade deste apostolado. A oração torna sensível a consciência do homem aos essenciais valores da verdade, da justiça, do amor e da paz. Estes valores estão nas vicissitudes de uma nação como o sal e a luz: só eles podem dar sabor à "terra" dos corações e iluminar a mente, tornando o mundo mais humano e mais divino. Agradeço à Radio Maria este apostolado da oração, e também a oração segundo as intenções do Papa. Ao mesmo tempo peço: alimentai este espírito de oração. Por isto estou grato também a todas as outras emissoras de rádio católicas da Polónia.

Estou contente porque hoje, após dezenove anos de serviço - no ministério petrino - à Igreja e ao mundo, posso compartilhar convosco esta recordação.. Exorto-vos a perseverar na oração e no apostolado animado pela oração.



Alocução do "Ângelus" no domingo, 6 de Novembro de 1994, em Siracusa (Sicília, Itália), como publicado no jornal "L'Osservatore Romano", edição semanal em português n. 46 (1.301), 12 de novembro de 1994, pág. 7 (603).

#### 1. Caríssimos Irmãos e Irmãs!

Siracusa reevoca na minha mente o célebre desafio de Arquimedes, o grande cientista desta antiga Cidade: "Dêem-me um ponto de apoio e levantarei o mundo", desafio que levou à meditação Santa Teresa de Lisieux, a qual, na sua autobiografia assim comenta: "Aquilo que Arquimedes não conseguiu obter, porque o seu pedido não se dirigia a Deus e era expresso unicamente mediante um ponto de vista material, os Santos obtiveram-no de maneira plena. O Onipotente, como ponto de apoio, deu-Se-lhes a Si mesmo e somente a Si mesmo: como alavanca a oração que inflama com um fogo de amor, e dessa maneira eles levantaram o mundo (*Os Escritos*, Roma, 1979, pág. 307).

Sim, só Deus é o nosso verdadeiro e indefectível ponto de apoio, assim como só o amor e a oração são as seguras alavancas espirituais com as quais é possível levantar o mundo. E isto diz respeito a cada um dos âmbitos da nossa própria existência.

2. O meu pensamento dirige-se neste momento, em particular a vós, *caríssimos trabalhadores e representantes do mundo económico aqui presentes*. A fé é o fundamento, e o amor é a grande alavanca sobre a qual é necessário edificar uma sociedade mais fraterna e solidária. Com efeito, mediante eles, pode-se enfrentar de maneira eficaz os numerosos e graves problemas que também atualmente pesam sobre os diversos setores produtivos. A economia não pode ser orientada pelo mero interesse, tampouco unicamente pela dinâmica do lucro, mas deve estar pronta ao serviço do homem. Sede, portanto, *cada vez mais convictos artífices de uma cultura da solidariedade*, sabendo que ela não só não se opõe às exigências da eficácia, mas, ao contrário, apoia-as com maior segurança e estabilidade.

3. Observo, depois, que *numerosos são os jovens que aqui vieram*. Também a vós, caríssimos, estendo a exortação a fundamentar

todos os projetos sobre o amor e sobre a oração. O vosso esforço em favor da edificação de um futuro mais proporcional ao homem, aberto à esperança e rico de ideais, é sempre muito empenhativo. No amor arraigado em Deus encontra-se, porém, o manancial de uma força inexaurível. Sabei "contagiar" santamente, mediante o vosso entusiasmo e a vossa sensibilidade, os vossos coetâneos, em busca de genuínos testemunhos de verdade, de paz e de valores evangélicos.

Sede, em todos os lugares, generosos construtores da *civilização do amor*: no âmbito da família, da escola e da própria comunidade cristã. Segui com impulso e convicção os caminhos formativos das vossas paróquias, associações e movimentos. Deste modo, tornar-vos-eis os autênticos protagonistas do futuro da Ilha e todo o País.

4. *Maria, mestra de oração*, que concedeu a esta Cidade o dom das suas lágrimas, convida todos a buscarem em Deus o sólido fundamento da existência humana. Deixemos que seja Ela a orientar-nos rumo a Deus. Depois de Lhe ter dedicado, hoje de manhã, o Santuário de "Nossa Senhora das Lágrimas", desejo agora dirigir-me em peregrinação espiritual aos numerosos Santuários e Igrejas marianas da Sicília. A vossa Diocese, prezados siracusanos, conta bem cinquenta igrejas dedicadas à Virgem Santíssima.

A Ela, Mãe da Igreja e nossa Mãe, confio as famílias, as crianças e os idosos, as pessoas que se encontram desempregadas e os enfermos, inserindo este nosso encontro na *grande oração pela Itália*, que nos acompanha ao longo do curso deste ano. Faço votos, de coração, que as lágrimas de Nossa Senhora se tornem para Siracusa e para toda a Sicília só lágrimas de alegria. As lágrimas da Mãe, expressão de dor e de amorosa participação, desçam como bálsamo aos corações feridos e às almas exacerbadas e suscitem sentimentos de contrição, de amor fraterno e de perdão.

Maria, Mãe de Misericórdia, rogai por nós!



65. O sopro da vida divina, o Espírito Santo, exprime-se e faz-se ouvir, da forma mais simples e comum, na oração. É belo e salutar pensar que, onde quer que no mundo se reze, aí está presente o Espírito Santo sopro vital da oração. É belo e salutar reconhecer que, se a oração se encontra difundida por todo o universo, igualmente difundida é a presença e a ação do Espírito Santo, que "insufla" a oração no coração do homem em toda a gama incomensurável das mais diversas situações e das condições, umas vezes favoráveis, outras vezes contrárias à vida espiritual e religiosa. Em muitos casos, sob a ação do Espírito, a oração sobe do coração do homem, apesar das proibições e das perseguições, e mesmo malgrado as proclamações oficiais, afirmando o caráter a-religioso ou até ateu na vida pública! A oração continua a ser sempre a voz de todos os que aparentemente não têm voz, e nesta voz ecoa, sem cessar, aquele "forte clamor" atribuído a Cristo pela Epístola aos Hebreus (Hebr. 5, 7). A oração é também a revelação do abismo que é coração do homem: uma profundidade que vem de Deus e que somente Deus pode preencher, precisamente pelo Espírito Santo! Lemos em São Lucas: "Se vós, portanto, embora sendo maus, sabeis oferecer coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o vosso Pai celeste dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem!" (Lc. 11, 13).

O Espírito Santo é o Dom, que vem ao coração do homem ao mesmo tempo que a oração. Na oração Ele manifesta-se, antes de mais e acima de tudo, como o Dom, que "vem em auxílio da nossa fraqueza". É o magnífico pensamento desenvolvido por São Paulo na Epístola aos

Romanos, quando escreve: "Nós nem sequer sabemos o que devemos pedir como nos convém; mas o próprio Espírito Santo intercede por nós, com gemidos inexprimíveis" (Rom. 8, 226). Assim o mesmo Espírito Santo não só nos leva a rezar, mas também nos guia "de dentro" na oração, suprindo a nossa insuficiência e remediando a nossa incapacidade de rezar: está presente na nossa oração e confere-lhe a dimensão divina (Orígenes, De oratione, 2; PG 11, 419-423). "Aquele que perscruta os corações (Deus) sabe quais são os desejos do Espírito, porque Ele intercede pelos santos em conformidade com Deus" (Rom. 8, 27). A oração por obra do Espírito Santo, torna-se a expressão cada vez mais amadurecida do homem novo que, através dela, participa na vida divina.

A nossa época difícil tem particular necessidade da oração. Se no decorrer da história, ontem como hoje, homens e mulheres em grande número deram testemunho da importância da oração - consagrando-se ao louvor de Deus e à vida de oração, sobretudo nos mosteiros, com grande proveito para a Igreja - nestes últimos anos vai crescendo também o número das pessoas que, em movimentos e grupos cada vez mais desenvolvidos, põem a oração em primeiro lugar e nela procuram a renovação espiritual. Trata-se de um sintoma significativo e consolador, uma vez que desta experiência tem derivado uma contribuição real para a retomada da oração entre os fiéis, os quais, desse modo, foram ajudados a melhor considerarem o Espírito Santo como Aquele que suscita nos corações uma profunda aspiração à santidade.

Em muitas pessoas e em muitas comunidades amadurece a consciência de que, mesmo com todo o progresso vertiginoso da civilização técnico-científica e não obstante as reais conquistas e as metas alcançadas, o homem está ameaçado, a humanidade está ameaçada. Diante deste perigo, e mais ainda ao experimentar a inquietude perante uma real decadência espiritual do homem, pessoas individualmente e comunidades inteiras, como que guiadas por um sentido interior da fé, buscam a força capaz de erguer de novo o homem, de o salvar de si mesmo, dos seus próprios erros e das ilusões que tornam nocivas, muitas vezes, as suas próprias conquistas. E assim descobrem a oração, na qual se manifesta o "Espírito que vem em auxílio da nossa fraqueza". Deste modo, os tempos em que vivemos aproximam do Espírito Santo muitas pessoas, que retornam à oração. E eu confio que todas possam encontrar no ensino da presente Encíclica alimento para a sua vida interior e consigam fortalecer, sob a ação do Espírito Santo, o seu empenho de oração, em consonância com a Igreja e com o seu Magistério.

66. No meio dos problemas, das desilusões e das esperanças, das deserções e dos retornos desta nossa época, a Igreja continua fiel ao mistério do seu nascimento. Se é um fato histórico que a Igreja saiu do Cenáculo no dia do Pentecostes, também pode dizer-se que, em certo sentido, ela nunca o abandonou. Espiritualmente, o acontecimento do Pentecostes não pertence só ao passado: a Igreja está sempre no Cenáculo, que traz no seu coração. A Igreja persevera na oração, como os Apóstolos, juntamente com Maria, Mãe de Cristo, e com aqueles que, em Jerusalém, constituíam o primeiro núcleo da comunidade cristã e aguardavam, orando, a vinda do Espírito Santo.

A Igreja persevera na oração com Maria. Esta união da Igreja orante com a Mãe de Cristo faz parte do mistério da mesma Igreja, desde os seus inícios: nós vemos Maria presente neste mistério, como está presente no mistério do seu Filho. O Concílio nolo diz: "A Santíssima Virgem ... envolvida pela sombra do poder do Espírito Santo ... deu à luz o Filho, que Deus estabeleceu como primogênito entre muito irmãos ( Rom. 8, 29), isto é, entre os fiéis, em cuja regeneração e formação ela coopera com amor materno". Ela, pelas suas "graças e funções singulares ... está intimamente unida à Igreja: é figura da Igreja (Lumen gentium, 63). "A Igreja contemplando a sua misteriosa santidade e imitando a sua caridade ... torna-se também ela mãe"; e, "à imitação da Mãe do seu Senhor,

conserva, pela graça do Espírito Santo, virginalmente íntegra a fé, sólida a esperança, sincera a caridade: também ela (isto é, a Igreja) é virgem que guarda ... a fé jurada ao Esposo" (Lumen Gentium, 64).

Compreende-se, assim, o sentido profundo do motivo pelo qual a Igreja, em união com a Virgem Maria, se volta continuamente como Esposa para o seu divino Esposo, conforme atestam as palavras do Apocalipse, citadas pelo Concílio: " O Espírito Santo e a Esposa, dizem ao senhor Jesus: Vem!" (Lumen Gentium, 4; Apoc. 22, 17). A oração da Igreja é esta invocação incessante, na qual "o Espírito intercede por nós": de certo modo, Ele próprio pronuncia essa invocação com a Igreja e na Igreja. O Espírito, de fato, é dado à Igreja, a fim de que, pelo seu poder, toda a comunidade do Povo de Deus. pro mais ramificada que seja na sua diversidade, se mantenha na esperança: naquela esperança em que já "fomos salvos" (Rom. 8, 24). É a esperança escatológica, a esperança da realização definitiva, em Deus, a esperança do Reino eterno, que se atualiza pela participação na vida trinitária. O Espírito Santo, concedido aos Apóstolos como Consolador, é o guarda e o animador desta esperança no coração da Igreja.

Na perspectiva do terceiro Milênio depois de Cristo, quando "o Espírito e a Esposa dizem ao Senhor Jesus: "Vem!". esta sua oração, como sempre, reveste-se de um denso alcance escatológico, destinado a dar também plenitude de sentido à celebração do grande Jubileu. É uma oração voltada para os destinos salvíficos, para os quais o Espírito Santo abre os corações com a sua ação, ao longo de toda a história do homem sobre a terra. Ao mesmo tempo, porém, esta oração orienta-se para um preciso momento da história, em que é posta em relevo a nova "plenitude dos tempos", momento que soará no ano 2000. A Igreja tenciona preparar-se para esse Jubileu no Espírito Santo, tal como, pelo Espírito Santo foi preparada a Virgem de Nazaré, em que o Verbo se fez carne.



#### **25 - Recomendação de São Paulo (1Timóteo, 2, 1-4.8)**

*Recomendo que se ofereçam súplicas, pedidos, intercessões e ações de graças por todas as pessoas, especialmente pelos reis e autoridades, para que possamos viver tranquilos e serenos com toda a piedade e dignidade. Isso é bom e agradável a Deus, nosso Salvador, que quer que todos os homens se salvem e cheguem a conhecer a verdade. (...) Quero, pois, que os homens rezem em qualquer lugar, levantando ao céu as mãos puras, sem ira e sem altercação.*

Comentários do Pe. Luís Alonso Schökel:

"Nas quatro categorias, é fácil distinguir súplicas, intercessões e ação de graças; petição se confunde com a primeira. Pelas autoridades: Rm 13,1-7.

Entre elas seleciona primeiro a intercessão pelas autoridades imperiais e regionais. Há antecedentes notáveis no AT: Moisés intercede várias vezes pelo Faraó (Ex 8, 4-9.24-27; 10, 17-19); Jeremias mandar rezar por Babilônia: "rezai por ela, porque sua prosperidade é a vossa" (Jr 29, 7). Supõe-se que as autoridades podem e devem contribuir para o bem de seus súditos: no civil, "tranquilidade", e no religioso, "piedade". Os cristãos, embora difundidos em comunidades sólidas através do império, eram minoria entre a maioria pagã; haviam superado já algumas perseguições e continuavam dependendo da honradez e boa vontade de seus senhores civis, pois não parece que eles tenham tido acesso a cargos do governo. Pelo bem do povo deve-se rezar por eles, ainda que sejam pagãos.

Todos os homens também são chamados à salvação (cf. Ez 18,23), que é o conhecimento e o reconhecimento da verdade do evangelho (Mt 20, 28). Em outras palavras, não se pede o castigo, e sim a conversão; um primeiro passo é que sejam agentes da paz.

Em todo lugar, não só em lugares especiais; o extremo oposto da centralização do culto promovida por Josias; outros interpretam "os homens de qualquer lugar". As mãos levantadas são um gesto comum de oração (p. ex. Is 1,15; Sl 141, 2)."

Comentários da edição do Instituto Bíblico de Roma (Paulinas):

"Nos primeiros séculos os cristãos conservaram-se de pé durante as orações, com os braços abertos para o céu. Era também a posição que os judeus usavam bem como os pagãos. - *as mãos puras*: o gesto material é acompanhado pelo sentido moral, pois na liturgia hebraica as mãos significam, metaforicamente, as ações (cf. Sl 18, 25; 26, 6). Seja sempre pura e santa a conduta dos cristãos."

